



MEMÓRIAS DE MULHERES IDOSAS CONGREGACIONAIS EM CAMPINA

GRANDE: obediências e transgressões (1927-1960) ¹

Cleófas Lima Alves de Freitas Júnior

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba, Professor Substituto da Universidade Estadual da Paraíba e Professor do

Instituto Teológico Batista de Ensino Superior em Campina Grande

Resumo: Neste artigo analisamos a construção histórica das práticas e representações femininas, a partir da releitura das lembranças de três mulheres idosas que começaram a participar da Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande entre as décadas de 1930 a 1960, isto é, desde a infância ou juventude. Nas suas memórias suscitaram imagens de práticas femininas e masculinas tanto de si como dos outros membros da comunidade congregacional de Campina Grande. Dessa forma foram retomadas as imagens de mulheres “transgressoras” ou “obedientes” no âmbito da fé, das relações amorosas, do cuidado com o corpo e os divertimentos.

Palavras-chave: Representações Femininas, Protestantismo Congregacional, Práticas Subversivas.

Memories of older women congregational in Campina Grande: obedience and transgression (1927-1960)

Abstract: This article analyzes the historical construction practices and representations of women, from the re-reading the memories of three elderly women began to participate in the Evangelical Congregational Church of Campina Grande between the decades from 1930 to 1960, that is, from childhood or youth. In his memoirs elicited images of both male and female practices of self as the other members of the congregation of Campina Grande. Thus the images were taken of women

¹ Este artigo é resultante de uma parte do quarto capítulo da minha dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História da UFPB sob a orientação do Prof. Dr. Antonio Carlos Ferreira Pinheiro, intitulada AS PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES FEMININAS NO PROTESTANTISMO DE CAMPINA GRANDE: A Igreja Evangélica Congregacional (1927-1960) em 27 de maio de 2010.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

"transgressive" or "obedient" in the context of faith, love relationships, body care and recreation.

Keywords: Representations of Women, Congregational Protestantism, subversive practice.

1. Introdução

Foi construída uma historiografia sobre o protestantismo da igreja evangélica congregacional, que ressalta a sua falta de poder institucional e numérico. Nela, encontramos com frequência a afirmação de que se trata de uma denominação protestante pequena. Todavia, a sua importância se deu por ser a pioneira na formação das igrejas protestantes no Brasil. Com sua inserção no Brasil em 1855, na cidade do Rio de Janeiro, a igreja evangélica congregacional foi considerada a primeira igreja protestante no país em língua portuguesa, intitulada Igreja Evangélica Fluminense. A atuação dessa Igreja pode ser caracterizada pelas práticas de evangelização realizadas pelos missionários Robert Reid Kalley e Sarah Pouth Kalley (o primeiro, escocês, e a segunda, inglesa). Em 1873, esses missionários estabeleceram a Igreja Evangélica Pernambucana, considerada a primeira igreja protestante do referido estado com fins conversionistas. A partir dessa igreja, a fé protestante congregacional espalhou-se pela região Nordeste do Brasil. Com a Igreja Evangélica Pernambucana, os seus pastores e missionários instituíram um projeto evangelizador que, no início do século XX, atingiu a cidade de Campina Grande (Paraíba), resultando, em 1920, no estabelecimento da primeira igreja protestante da cidade.

Partindo dessas primeiras informações, percebemos que os estudos sobre a igreja congregacional no Brasil, particularmente em Campina Grande, foram produzidos sob o domínio de uma "historiografia triunfalista", conforme a "tradição eusebiana". Nessa tradição, as memórias e histórias do protestantismo congregacional resultaram em narrativas de exaltação e preservação dos "grandes" feitos. Exaltam suas autoridades e as instituições em suas práticas normativas, seus privilégios político, econômico, social

www.veredasdahistoria.com



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

e cultural, na construção dos ícones congregacionais, ao mesmo tempo em que produziram um silêncio sobre os fiéis comuns nos seus gestos cotidianos e desviantes.²

Dessa forma, neste artigo propomos um rompimento com essa tradição de descrição e exaltação das autoridades da igreja congregacional, preocupada tão somente com os problemas eclesiásticos e desvinculada das questões sociais, políticas, econômicas e culturais. Buscamos contribuir para a produção de uma “historiografia inclusiva”, que não se limita a um número seletivo de pessoas representadas como “heróis da fé”, em geral homens, como grupos considerados menos importantes são relegados ao esquecimento e desconhecimento, como as mulheres em seus variados modos de ser. Uma história inclusiva, que reconhece o quanto as mulheres são relegadas na “historiografia triunfalista” a lugares periféricos, como uma grande massa silenciosa e silenciada, ausentes da história. Uma história que pensa as mulheres como parte integrante da história, da cultura e da sociedade, não se restringindo a uma descrição das mulheres na representação de vítimas da história, mas sim, concebê-las como construtoras também dos variados cristianismos. Uma história inclusiva, que articula o pressuposto de que as mulheres fazem história, com uma produção histórica que não se restringe ao mundo acadêmico, mas representa também uma interpretação da realidade das pessoas, ou seja, construir uma consciência de que as mulheres simples são sujeitos da história.³

Assim sendo, produzimos outras histórias, levantando outros problemas, indicando outros sujeitos e objetos num constante repensar dos silêncios legitimados por essas histórias triunfalistas. Trabalhamos no contexto da história das mulheres e das relações de gênero como aponta Perrot, com o fim de repensar o silêncio que foi produzido e frequentemente reiterado como mandamento através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e manuais de comportamento. Um silêncio relativo à participação das mulheres nas igrejas, nos templos, nas mesquitas e nas sinagogas;

² WIRTH, Lauri Emílio. O lugar da história da igreja no ensino da teologia. In: DREHER, Martin N (org.). **História da igreja em debate** - um simpósio. São Paulo: ASTE, 1994, p. 48-59.

³ DEIFELT, Wanda. Por um ensino inclusivo da história da Igreja: uma contribuição feminista. In: DREHER, Martin N (org.). **História da igreja em debate** - um simpósio. São Paulo, SP: ASTE, 1994, pp. 110-118.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

silêncio nas assembleias políticas dominadas pela eloquência masculina; silêncio nos espaços públicos e até mesmo nos espaços privados.⁴

Esse silêncio foi legitimado como uma postura normal da mulher; essa deve esperar, escutar e guardar as palavras no fundo de si mesmas. Esse silêncio atua como uma espécie de chamado feminino, que deveria ser aceito com conformidade, obediência e submissão. Imposto pela ordem simbólica que abrange a fala, a expressão, o gestual ou a escrita, pregava-se a necessidade do corpo das mulheres serem cobertos, como a cabeça e o rosto. Esse silêncio era também disciplina do mundo, das famílias e dos corpos, era regra política, social e familiar, colocando o pudor como uma virtude e honra feminina. No entanto, mesmo com esse silêncio, algumas mulheres desviaram-se das proibições, preenchendo os vazios do poder instituído. Também não podemos desprezar que esse silêncio é legitimado pela narrativa histórica, em que o olhar dos historiadores durante muito tempo tornou ausentes às mulheres.

O objetivo deste artigo consiste em analisarmos a construção histórica das práticas e representações femininas, a partir da releitura das lembranças de três mulheres idosas que começaram a participar da Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande entre as décadas de 1930 a 1960, isto é, desde a infância ou juventude. Nas suas memórias suscitaram imagens de práticas femininas e masculinas tanto de si como dos outros membros da comunidade congregacional de Campina Grande. Dessa forma foram retomadas as imagens de mulheres “transgressoras” ou “obedientes” no âmbito da fé, das relações amorosas, do cuidado com o corpo e os divertimentos.

Quanto às entrevistas das mulheres idosas, não mencionamos os seus nomes para manter o sigilo, indicando-as por meio de letras: *A* nasceu em 1929 e exerce até hoje a função de Corista na igreja; *B* nasceu em 20 de janeiro de 1936 e também exerce a função de corista; *C* nasceu em 1921, teve um casamento contraditório e exerceu a função missionária durante mais de cinquenta anos.

Na análise pensamos que esses traços das memórias femininas congregacionais correspondem a formas de dizer o mundo, de olhar o real, em discursos que discorrem, descrevem, explicam, interpretam e atribuem significados à realidade. Esses discursos

⁴ PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2006, p. 9, 10 e 14.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

são portadores de imagens que tornam presentes os acontecimentos do passado através da rememoração, ou seja, o tempo transcorrido que era um tempo físico escoado e irreversível.⁵

O nosso interesse não consistiu em descrever os variados discursos construídos por essas mulheres de si como “patrimônio congregacional”, mas atentar para o movimento de interiorização nas mulheres de comportamentos e representações dominantes, através do reconhecimento de que a dominação não excluiu os afastamentos e as manipulações das normas por parte das mulheres. Não tratamos de uma submissão alienante, mas um movimento aberto às subversões e aos deslocamentos, em que buscamos visibilizar nesses discursos as continuidades e descontinuidades, como também a diversidade dos sentidos e temporalidades.⁶

No uso das entrevistas, partimos do pressuposto trabalhado por Paul Thompson de que produzimos uma história em torno das pessoas, que proporciona o aparecimento de sujeitos vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo, trazendo a história para dentro da comunidade e elencando no seio da comunidade fatores de interesse histórico. A prática das entrevistas contribuiu, enfim, para que os menos privilegiados, e em especial os idosos, conquistassem dignidade e autoconfiança, uma vez que a eles foi conferida uma voz de credibilidade, além de permitir a identificação de outras identidades.⁷

É importante ressaltar que também pensamos essas memórias como “*escritas de si e escritas da intimidade*”, com as quais podemos problematizar as relações de poder, sociabilidades, relações de gênero, memórias seletivas e memórias enquadradas. Esses discursos promoveram em suas autoras uma invenção de si como mulher protestante, nas suas representações sobre a igreja congregacional da cidade de Campina Grande, através da exaltação e condenação das práticas femininas e masculinas subversivas às normas. O discurso memorialística em questão forma registros subjetivos com identidades que aparecem simultaneamente de forma única e múltipla, experimentando

⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do passado. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. Debates, 2006, pp.2.

⁶ CHARTIER, Roger. Diferença entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). **Cadernos Pagu**. Campinas, n.4, 1995, pp 40-41.

⁷ THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, pp. 44, 137.



temporalidades diversas na constituição de um “teatro da memória”, em que pensamos os discursos das autoras sobre o que viram, sentiram e experimentaram retrospectivamente com relação a determinados acontecimentos individuais e coletivos (GOMES, 2004).⁸

2. “Ser uma mulher evangélica é servir por amor”

Neste momento atentamos aos testemunhos e depoimentos de mulheres idosas congregacionais que reconstruíram e “traduziram” o passado vivido através da evocação. Nesse processo de reconfiguração do passado essas narrativas são portadoras de “uma autoridade da fala” em que as mulheres se utilizam como um “*privilegio de ter a tutela do passado*”. Tais reconstruções correspondem a um “*laboratório de sentido*” sobre a realidade através de um movimento em que passado e presente, indivíduo e social, lembrado e esquecido, silêncio e voz se juntam, se opõem e se defrontam. Uma vez que o passado dessas mulheres foi reconstruído no presente através de traços que produziram variados sentidos e não um significado homogêneo e único. Em seus discursos criaram imaginários de sentido a partir da realidade como “*ficções plausíveis, verossímeis, socializadas, temporalizadas, na sua feitura e na sua recepção*”.⁹

A entrevistada A¹⁰, primeiramente, respondeu sobre sua conversão ao protestantismo lembrando que tinha 12 anos de idade quando participou de uma Escola Bíblica de Férias. Salientou que tal experiência impactou sua vida com muita emoção, estando forte em suas memórias até o presente e cantou: “*Quando a aurora raiar no azul do céu/ reflexo de um clarão/ mas não vê o resplendor da luz que brilhou/ brilhou no meu coração*”. Fez uma descrição dos seus pais como congregacionais “leigos” que não ocupavam lugar de autoridade na igreja, mas inscreveram em seus corpos as normas. O pai gostava de participar dos “cultos ao ar livre” promovidos pelos presbíteros da igreja, principalmente João Canuto e as pregações do pastor João

⁸ GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2004.

⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do passado. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. Debates, 2006, pp.6-7.

¹⁰ Concedida em Campina Grande – PB, 23 de setembro de 2009, Arquivo Particular de Cleófas Júnior. Aos seus 80 anos de idade.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

Clímaco Ximenes. Em relação à mãe lembrou que ela não havia conhecido os seus pais biológicos, mas foi acolhida por uma família evangélica. Além disso, narrou o cuidado do seu pai em educar os filhos na fé protestante através das reuniões da igreja em que *“meu pai botava como se fosse um ‘rebanho’, a gente caminhava a pé por esse lado (moravam no bairro José Pinheiro) aqui do São Vicente de Paulo, o Açude Velho, era uma lama tremenda, lama não é?...”*

Narrou que foi batizada quando tinha 15 anos de idade pelo pastor João Clímaco Ximenes¹¹, em 1945, porque necessitava fazer a profissão da sua fé como prova de que Jesus era o “Salvador”. Respondeu todas as perguntas feitas pelos oficiais (presbíteros e diáconos concebidos como autoridades) da igreja sobre a certeza da sua salvação. Elaborou uma imagem de si como “bem extrovertida”, não era tímida, sendo uma marca fixa em sua identidade e fortaleceu que sua fala era verdadeira diante de Deus. Também acrescentou que desde a adolescência participava de todas as reuniões da igreja, destacando que *“nunca perdia assim a Escola Dominical (reunião realizada no domingo para estudo da Bíblia – destaque do autor) na minha adolescência, ganhava até presente, né? Na, na Escola Dominical sempre, não era um só ano, era direto.”*

Esses discursos de louvação criaram imagens dela como uma mulher idosa que viveu as normas congregacionais em sua literalidade e exatidão, Chartier nos indica que esse movimento de submissão das mulheres se constitui uma violência simbólica na legitimação de uma masculinidade hegemônica histórica, cultural e linguística. É a afirmação da diferença de natureza, radical, irreduzível e universal, mas não podemos esquecer que essa leitura – histórica e idealizada da *“identidade feminina congregacional”* - foi historicamente datada, inscrita nas práticas e nos discursos que a fundaram e legitimaram.¹²

¹¹ O pastor João Clímaco Ximenes foi pastor da Igreja Evangélica Congregacional de Campina Grande, durante trinta e três anos e meio, nisso foi construído um olhar tradicionalmente edificado através de um saber histórico de cunho dogmático e triunfalista, que exaltou o seu trabalho na igreja na fabricação de práticas normativas que alcançaram vários lugares. Através das congregações, como Serra Verde, Ingá, Marinho, Santa Terezinha, Lagoa Nova, Esperança, Areia, Patos, Marisópolis, Aroeiras, Alagoa Grande, João Pessoa, Jatobá, Guarabira – na Paraíba, bem como Timbaúba e Tamarinheira, em Pernambuco.

¹² CHARTIER, Roger. Diferença entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). **Cadernos Pagu**. Campinas, n.4, 1995, pp 42-43.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

Por isso, repensamos tal escritura como algo natural, dado, universal e homogêneo de uma identidade que se satisfaz em tão somente ser reprodutora dos poderes masculinos. Em Chartier também encontramos os poderes femininos nessa situação de sujeição em que algumas possuíram uma autoridade em detrimento de outras, com uma participação minoritária nos espaços de poder controlados pelos homens. Também os seus “*contra-poderes, sedutores, secretos e ilícitos*”, a reapropriação e o desvio dos instrumentos simbólicos que instituíram a dominação dessa masculinidade hegemônica.¹³

A entrevistada A discursou sobre a importância do estatuto e das autoridades da igreja na produção de sua identidade. Considerou o estatuto importante no que tange a proibição das mulheres não poderem cortar os cabelos “muitos curtos” como se fossem homens, ou seja, “*muita gente corta chega a pelar mesmo e fica bem pelado*”. Representou a si mesma como seguidora fiel dessa norma o seu cabelo tinha um “corte regular”, destacou que não gostava de corte de cabelo semelhante ao dos homens. Lembrou que com 15 anos no dia do batismo seu cabelo “vinha até o ombro”, só cortou numa idade mais avançada e quando houve a “liberação” na igreja. O pastor João Ximenes também proibia aos “crentes” da igreja ir à praia no dia de domingo, ressaltou que o banho de praia era permitido se cumprisse o dever de participar das reuniões da igreja. Falou que a vigilância era constante para que vivessem nas normas, narrou que quando um membro faltava quatro domingos na Escola Dominical, era formada uma comissão pelos oficiais da igreja para conversar com o “transgressor”. Tal conversa era realizada com base na Bíblia através dos seguintes passos trilhados pelas autoridades: “*um tocava na ‘tecla’ daquele assunto, se a pessoa ouvisse, bem, se não ouvisse né? Aquela advertência, vinha dois ou três para não ser ouvido só por um, para testemunhar a coisa.*”

Ressaltou que ela ouvia essa norma ensinada pelo pastor João Ximenes sobre o dia de domingo como o dia de servir, adorar e prestar culto somente a Deus, não sendo “*o dia da pessoa ficar indo pra praia ou pra sair e ‘prá-colá’, e nem se envolver com isso nem com aquilo (...). Domingo era considerado o dia do Senhor, não podia*

¹³ CHARTIER, Roger. Diferença entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). **Cadernos Pagu**. Campinas, n.4, 1995, pp 47.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

negociar no dia de domingo”. Também lembrou *“da sinceridade por parte de muitos”* em que obedeciam de forma rigorosa, destacou que a vigilância abrangia a participação no culto da *“Ceia do Senhor, dia da comunhão”*, porque quando as autoridades da igreja percebiam a falta de alguém, o tal era chamado a atenção.

Nessas narrativas não tratamos da evocação literal da história vivida e sim de depoimentos, em que está contido “o tempo passado” pesquisado, “os tempos percorridos” pelas trajetórias de vida e o “tempo presente” dos depoentes. Não somos ingênuos quanto à relação existente entre as múltiplas temporalidades, seja na fala da “jovem do passado”, como na “voz da adulta” e na fala da “anciã do tempo presente”. Assim, as narrativas dessas mulheres idosas são pensadas como memórias, como lembranças das experiências, dos sentimentos, dos testemunhos, das visões, das interpretações de si e sobre os outros que foram filtrados pelas *“emoções do ontem, renovadas ou resignificadas pelas emoções do hoje.”* Nas múltiplas relações de poder entre memória coletiva e memória individual instituído como: *“poder de esquecer, de lembrar, de omitir, de silenciar”*, com o olhar minucioso na singularidade de cada uma dessas mulheres.¹⁴

As narrativas efetivadas pela entrevistada A salientam as autoridades da igreja e, principalmente, o pastor João Ximenes como modelo de pastor que ensinou com fidelidade as normas, cumpriu seu dever de coordenar a igreja com atos de constante vigilância para que todos se sujeitassem em obediência. Ressaltou que interpretava as práticas normativas da igreja como “boa”, porque mesmo tendo Deus como principal pastor era muito bom quando o líder da igreja: *“é a ‘Palavra pura’ mesmo e quando fala, fala na direção e na unção, como era o caso do Reverendo Ximenes, de Raul, de Alexandre era um bom pastor... Claro e havia reverência, muita reverência.”* A imagem de que o pastor João Ximenes em todas as suas práticas na igreja era um “homem de Deus”, que realizava tudo com disposição e autoridade *“dentro dos princípios da Palavra mesmo, com muita autoridade e era pra valer mesmo sem ser na ‘carne’.* *Quando era exortação, exortação, se é consolação, consolação!...”* Todavia a sua imagem em relação ao tempo presente sobre os pastores, presbíteros e diáconos é a que

¹⁴ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral** – memória, tempo, identidades. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006, pp. 15-16, 18, 31.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

não estão cumprindo o dever de conduzir os fiéis na disciplina. Argumentou, ainda, que todos serão julgados por Deus por todos os atos de desobediência.

Em relação ao pastor João Ximenes ressaltou que o seu ensino era muito claro. Inclusive em relação à divisão do espaço físico do templo que era da seguinte forma: de um lado os bancos só para as mulheres e do outro lado somente para os homens. A sua leitura acerca dessa norma era de que o pastor cuidava para que a “maldade” das pessoas não resultasse em pecado. Criticou, em seguida, que no tempo presente os “crentes” dizem que “*o tempo é moderno*” e transformam as normas para se adaptar a sociedade. Fixou dessa forma uma leitura da norma como “correta” e “certa”. Falou que no passado existia “*um melhor comportamento*” entre os homens, as mulheres e os jovens, e teve ainda o cuidado de não produzir uma imagem das autoridades da igreja como “autoritárias” e “rígidas”, citou o exemplo de que “toleravam” que os noivos sentassem juntos na igreja.

Interessante destacar a sua alusão aos oficiais como os vigilantes das normas que tinham o seu horário de trabalho, e a montagem de uma estratégia para que o olhar alcançasse a todos com um presbítero do lado direito do templo, outro no lado esquerdo e outro na entrada do templo. Em que durante os cultos ficavam andando de um lado ao outro e quando enxergavam o “anormal” se aproximavam para manter a ordem.

Pensamos que estas narrativas não são uma construção homogênea, mas sim múltipla de sentidos sobre a realidade através de uma releitura espontânea e induzida, de si e dos outros (os pais, os maridos e as autoridades da igreja) em seus comportamentos, valores, experiências e tradições. Estabelecem relações entre o presente e as experiências vividas através das reminiscências e lembranças. Também construíram suas identidades através das relações de pluralidade e atualização no presente, no movimento de seleção e tensão, entre o lembrar e o esquecer. Em imagens idealizadas dos pais, do pastor, dos presbíteros, diáconos da igreja e de si como seguidores fiéis das normas. Através de lembranças selecionadas legitimaram uma identidade fixa, homogênea, como também o ocultamento e a condenação da

www.veredasdahistoria.com



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

pluralidade feminina em suas práticas: a submissão aos discursos masculinos hegemônicos das autoridades da igreja.¹⁵

São importantes as narrativas da entrevistada A sobre suas relações amorosas de namoro, noivado, casamento e separação, relações fora do casamento do seu pai, suas transgressões e nessas evocações as construções de si e dos outros. Primeiramente, teve uma relação amorosa normatizada com um rapaz. Cantavam no Coral da Igreja e terminaram noivando. Ele almoçava todo domingo em sua casa e participavam dos ensaios à tarde. Entretanto, o noivado acabou e terminou se casando com um vizinho que lhe conhecia desde criança. Para ela, o seu vizinho e futuro marido era um homem que *“conhecia a verdade mais não era crente”*. Afirmou que o seu casamento se constituiu como um ato de *“desobediência”* a Deus e aos pais, porque os mesmos não aprovaram e *“se revoltaram contra mim”*. Para eles foi um *“grande desgosto”*, mas ressaltou que continuou sendo *“querida pelos pais”*. Aprovou a disciplina que recebeu de imediato da igreja quando confessou as autoridades o namoro e depois o casamento. Assim, estamos diante de uma ruptura e descontinuidade na identidade congregacional. Até que um dia se arrependeu e produziu um ato de *“ajustamento”*, confessou que chorou muito por *“vergonha”* porque transgrediu a educação protestante recebida dos pais: *“Se ajustar é pedir perdão e tem mais uma coisa, naquele tempo tinha que pedir perdão perante toda igreja. Podia ser numa assembléia de membros e podia ser também no culto solene do domingo à noite”*.

Com a ideia de que Deus lhe perdoou ela continuou participando da igreja, mesmo com os olhares de desconfiança e reconstruiu sua identidade com o olhar fixo *“para o autor e consumidor da nossa fé (Deus)”*. Narrou que sua tristeza foi porque rompeu com a forma de vida baseada na Bíblia, de que ela como *“luz”* não podia ter união com as *“trevas”* que era o seu marido. Concluiu que tanto no passado como o presente a *“serva de Deus”* não deve: *“você como uma serva do Senhor tá deitada lá com um ímpio e muitas vezes...”*.

Suas lembranças suscitam imagens do esposo como um não convertido a fé, *“ímpio”* e *“muito adúltero”*, apresentou como prova de tal identidade a questão que ele

¹⁵ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral** – memória, tempo, identidades. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006, pp. 39.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

morreu assassinado quando morava na Bahia. Evocou a si mesma como “*a esposa legítima*” que teve um filho, mas ele construiu três famílias fora do casamento. Com uma mulher baiana teve um filho, de outra mulher teve três filhos e uma mulher de Campina Grande teve um filho. Ressaltou que o fim do casamento foi culpa dele porque “*ele me abandonou, ele foi quem deixou a casa, o motivo era as mulheres que ele arranhou várias vezes (risos).*” Narrou que essas traições do marido e a separação resultaram em revolta “*porque eu amava muito a ele, eu tive muita revolta...*”. Sobre este amor maior que a levou a subverter em relação à educação recebida dos pais e da igreja, falou que foi consolada pela presença divina porque “*quem ama mesmo, ama mesmo, ama de verdade mesmo, mas o verdadeiro amor é o amor de Deus e isso me preencheu...*”, destacou a superioridade do amor divino como base para superar a tristeza que fora provocada com o fim do casamento e na reconstrução de si. Também o apoio e acolhimento dos pais como se ela fosse uma “moça” uma vez que o fim do casamento para ela se deu quando tinha 40 anos com a morte dele. Narrou que mesmo com a possibilidade de um novo casamento tomou a decisão de dedicar sua vida somente aos pais e à igreja: “*Aí eu vou só cuidar dos meus pais aqui nessa casa mesmo, só cuidando dos meus pais, dando assistência e trabalhando para Jesus.*”

Destacou outro tipo de atitude em que legitima a nossa “cultura da masculinidade” ao lembrar que seu pai viveu uma relação amorosa fora do casamento. Mas destacou que era um homem bom que seguiu o ritual exigido pelas autoridades da igreja para os “transgressores”, efetivando um pedido de perdão numa reunião de culto da igreja. Além disso, narrou que seu pai não abandonou a mãe porque era fiel no cumprimento dos deveres: “*... ele era cumpridor dos seus deveres, muito responsável, muito bom dono de casa, muito mesmo.*”

Atentamos nas suas narrativas que o espaço das mulheres nas atividades da igreja congregacional era realizado, principalmente, nos cultos promovidos pela União Feminina Auxiliadora (ou Sociedade das Senhoras). Destacou algo bem forte em suas recordações desde a juventude com o trabalho da “Auxiliadora” ao visitar os enfermos. Eram formados grupos de três pessoas mediante convocação feita pela diretoria. Salientou que esse trabalho reservado para as mulheres pelas autoridades da igreja no passado era mais evidente do que no presente, porque hoje a iniciativa das visitas são



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

atos particulares e individuais. Afirmou que construiu sua identidade na vivência desse espaço de ser uma auxiliadora na igreja e nas famílias através das visitas.

Também ressaltou que enxergava o quanto as pregações eram realizadas pelos homens e no presente a mulher tem um maior espaço para pregação. Mas existiram mulheres com dons divinos, a partir da dedicação a oração, ao canto e as curas, assim sua reminiscência apresenta uma descontinuidade em relação à norma da igreja uma vez que no período era considerada uma heresia essas práticas que eram ligadas ao “pentecostismo”. Conheceu uma mulher que tinha o “dom de cura”, Marta Fernandes com o poder de orar pelos doentes e serem curados, destacou que várias pessoas a criticavam com a ideia de que desejava ocupar o lugar de Deus, mas as autoridades da igreja aprovavam: *“Porque talvez achasse que ela quisesse ser uma ‘deusa’, interpretava totalmente diferente.”*

Lembrou-se da sua participação nas diversões consideradas “mundanas” pelas normas e ressaltou que não participava de festas como o Carnaval *“que muita gente gostava de olhar”* e as danças nos clubes da cidade. Em relação ao cinema falou que quando estava disciplinada frequentou três vezes no Capitólio e Babilônia, mas assistiu a filmes religiosos. Como “transgressora” falou bem humorada: *“Mas eu já tava disciplinada da igreja, eu aproveitei, né? (risos). Eu aproveitei e participei.”*

Por último, falou que o ideal de ser mulher evangélica era viver nas seguintes representações: serva obediente a vontade divina, servir por amor, transcender as circunstâncias e estar disposta a fazer a obra de evangelização. Através do espírito divino não ceder à tentação das obras da *“carne, a prostituição e tudo que não presta”*, mas viver nos frutos divinos do *“amor, bondade, humildade, benignidade, mansidão, humildade e domínio próprio.”* A aceitação da Bíblia como palavra divina e fonte inesgotável desde a infância em casa com os pais através do culto doméstico em que aprendeu a orar, cantar os hinos e ler o “livro “santo”, mesmo tendo os pais “analfabetos”. Fez questão de destacar que até na velhice o livro sagrado a ordena no seu cotidiano: *“Antes de sair para o médico eu faço minha primeira oração logo cedo e também a minha leitura nem que seja um ou dois versículos, contanto que eu não saia sem lê a Palavra...”*



3. “As moças andavam muito bem vestidas e tudo decentemente”

A entrevistada B¹⁶ considerou o início da sua conversão ao protestantismo congregacional ainda na sua infância, evocou lembranças da infância quando morava com os pais num sítio distante de Campina Grande num povoado chamado Marinho, muito pobre e sem energia elétrica. Os pais eram congregacionais batizados pelo pastor João Clímaco Ximenes e cantavam no Coral da Congregação do Marinho sob a liderança da Igreja de Campina Grande, ressaltou que nasceu num “lar evangélico” com uma educação efetivada pelos pais que antes de dormir todos os dias as crianças aprendiam a ter fé. Narrou que sua família era muito “crente” e desejavam ouvir as pregações, com a lembrança de que o pastor João Ximenes chegava ao Marinho na caminhonete da Igreja de Campina Grande com alto-falante ligado executando músicas protestantes, descreveu que iam andando entre os “matos” para participar dos cultos. Falou que a mãe morreu quando moravam em Recife, depois voltaram para o Marinho. Seu pai era como um “cigano que [viveu – expressão do autor] no meio do mundo”, uma vez que ele era barbeiro e durante a semana trabalhava longe de casa. Também era um protestante que não participava da igreja porque foi eliminado da comunhão da igreja, mas falou que era “crente” e cantava os hinos diariamente. Narrou que caminhava muito para ir ver o Coral da Igreja do Marinho, uma vez por mês no “dia da comunhão”, sentava no primeiro banco, trazia o “tamanquinho” no dedo e quando chegava ao povoado lavava os pés no rio. Com emoção descreveu que quando o Coral cantava, fechava os olhos e sonhava um dia cantar no Coral, mas dizia isso consigo mesma porque criança naquele tempo não conversava com os mais velhos.

Tais narrativas produzidas na relação entre memória individual e coletiva é formada por alguns elementos: primeiro, “os acontecimentos vividos pessoalmente”, ou seja, experimentados e conservados na individualidade da memória; segundo, os “acontecimentos vividos por tabela”, vivenciados pelos outros (a igreja, família e sociedade) sem participação direta, mas que se sente participante através do imaginário que foi construído. Terceiro, a multiplicidade das “pessoas e personagens”, com aqueles que realmente participaram no decorrer da vida, além daqueles que tiveram uma

¹⁶ Entrevistada B, concedida em Campina Grande – PB, 28 de setembro de 2009, Arquivo Particular de Cleófas Júnior. Aos seus 74 anos de idade.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

participação indireta. Quarto, os “lugares da memória”, como relacionados às lembranças pessoais sem o apoio de um tempo cronológico.¹⁷

Sobre sua conversão, continuou a narrativa de que aos 15 anos de idade veio morar em Campina Grande para trabalhar na casa do pai de Evandro Sabino (membro da Igreja Congregacional) e cuidar de uma criança e ter como “salário” o direito de “comer” e de “vestir”. Considerou essa mudança boa porque ficou perto da igreja congregacional, pois, durante três anos apenas ia para a Igreja sem pedir o seu batismo. Nesse período participava das casas de dança da cidade como: o “Paulistano” e a “Associação dos Artistas”. Na noite de São João do “Forró da Mulata” ia apenas para olhar as pessoas que dançavam. No Carnaval na Rua Maciel Pinheiro ia também com os óculos para se proteger do “lança-perfume” e passeava nas ruas centrais da cidade. Em seguida ia para o culto na igreja “cheia de confete”, mas destacou que sua participação era passiva em tais lugares de diversão, pois seu objetivo era apenas olhar os casais dançando, ficava impressionada com a beleza dos passos e recusava o convite dos rapazes para dançar.

Nessas caminhadas pelas diversões da cidade consideradas “mundanas” na leitura das normas, B fez questão de narrar que não cedeu à tentação do pecado fosse através da dança, do uso de cigarro ou de bebidas alcoólicas. Somente apreciava a beleza dos casais dançando com a idéia de que ela não nasceu para ser “ruim”: “... *eu nunca fiz, nunca arrastei o pé pra nada, nunca coloquei um cigarro, nunca botei uma bebida na minha boca (...). Eu nunca fui pra farra, eu acho que Deus me guardou, eu não tinha que ser ruim, sei lá...*”. Depois de três anos de caminhadas, em que foi preservada pelo poder divino, falou que necessitava ter “responsabilidade”. Para tanto, pediu ao presbítero João Canuto para ser batizada, este lhe conduziu para entrevista com o pastor Ximenes, ela falou que desejava ser batizada “*porque eu quero adquirir responsabilidade*”. Assim realizou o sonho de cantar no Coral.

Essas palavras ditas correspondem a uma forma de dizer sobre a cidade de Campina Grande, a partir desses relatos as experiências vividas foram recuperadas através da reminiscência, para os que vivem no tempo presente e não experimentaram

¹⁷ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p.201-202.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

aquele tempo passado da cidade possam conhecê-la. Na evocação de mortos, lugares que não existem mais, sociabilidades e ritos que foram transformados no presente e valores desnaturalizados. Na constituição de uma “história em fragmentos” que formam um mosaico, sendo a cidade tecida de forma contínua. Isto porque as entrevistadas atuam como “senhoras do tempo” em que recriam o que falam sobre o passado da cidade cada vez que produzem suas falas. Portanto, nesses relatos encontramos variados discursos sobre a cidade constituindo-se em “*cidade falada, cidade imaginada e cidade sensível*”.¹⁸

Suas narrativas sobre as autoridades da igreja na sua tríade formada pelo pastor, pelos presbíteros e pelos diáconos, produziram uma idealização mais intensa do que na entrevistada A. Para ela, aqueles homens eram santos que possuíam o poder de “zelar” e “vigiar” as mulheres para que cumprissem as normas. A entrevistada B buscou construir sua identidade através de um amor obediente e submisso a esses homens. A imagem do presbítero João Canuto como “patriarca” da igreja, porque era o mais velho, ordem essa que fora estabelecida pelo próprio pastor João Ximenes. Por causa disso João Canuto era autoridade de confiança do pastor e o “assessorava” em todas as questões, mas destacou que esse respeito e reverência “divina” era um dever em relação aos outros oficiais da igreja, em que “*nós tínhamos um temor a eles tão grande, todo jovem, todo mundo(...)*”.

Quanto aos oficiais ela considerou que eram homens que possuíam um estilo de vida diferenciado porque pregavam a “Palavra de Deus e os membros da igreja o respeitavam *“como se fosse um ‘general’, uma autoridade de Deus mesmo...”* Os oficiais ensinavam o estatuto, toda semana os fiéis participavam do “*culto de doutrina*” para aprender as normas e as autoridades iam “*tudo engravatado, de uniforme, não, ninguém de blusa como vai vender banana na feira(...)*”. Ressaltou que na sua igreja estes cuidavam para que as mulheres obedecessem às normas como o “namoro com incrédulo”. Nesse caso a pessoa recebia uma carta informando que estava em disciplina e que se “*não obedecesse era eliminado*”. Era proibido o corte de cabelo, uso de pintura, “*roupa ‘certinha’ ninguém usava, usava roupa até a ‘canela’ assim.*” Para

¹⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Espacios, palabras, sensibilidades. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. Colóquios, 2008, pp. 7-8.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

tanto, tinha um oficial chamado Manoel Vieira com a função de “vigia das moças”. Falou sobre a facilidade que ele descobria os namoros desviantes. Ela legitimou tal prática como “correta”. Fez uma crítica ao tempo presente em que as autoridades tornaram “leve” a vigilância em relação às jovens que engravidam: “*Hoje em dia as moças se perdem, arranja ‘bucho’ e vai consagrar a criança na igreja*”. Enquanto que no tempo do pastor Ximenes só consagrava uma criança na igreja acompanhada do pai, definindo isso como “direito” e que presentemente enxergava que o “povo” pensava que Deus havia transformado as suas normas. Por isso, para ela a igreja tornou-se “um santuário profanado”.

Nessas lembranças as mulheres são portadoras de um lugar social e de uma temporalidade, individual e social, que foi herdada e partilhada. Através da memória suscitaram sua capacidade de lembrar e reter imagens da experiência passada. Sendo o passado trazido para o presente, reconstruído e criado em uma operação imaginária. Porque o que foi evocado não pode ser mais verificável. O interesse primeiro foi o de sacralização da memória, da sua transformação em patrimônio da igreja congregacional com uma herança a ser transmitida por uma ritualização de orações, músicas e pregações da Bíblia. Na construção de um espaço de integração entre as mulheres em sua filiação identitária.¹⁹

Além dos momentos de pregação no púlpito, a entrevistada B destacou que o pastor Ximenes ensinava as normas aos membros quando “*lia aquelas coisas no livro que ensinava tudinho*”. Realizava variadas reuniões durante a semana na igreja tais como: na segunda, terça e quarta era o ensaio do Coral, na quinta-feira culto de doutrina, na sexta-feira reunião de oração e o domingo era o “*dia de trabalhar pra o Senhor*”. Recordou que no sábado à noite a reunião era para os jovens sob a direção de um presbítero escolhido, destacou como importante: Sebastião Lima. O roteiro básico das reuniões eram os estudos sobre “*os homens da Bíblia*” como modelos que os jovens deveriam seguir de obediência e respeito ao temor divino, para que resistissem as tentações do pecado. Para ela, uma das histórias que lhe impactou de forma significativa foi a de José do Egito.

¹⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do passado. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. Debates, 2006, pp.5.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

Em sua narrativa produziu uma realidade de que as mulheres nesse período usavam roupas com “*beleza*” e “*decência*” em seus vestidos longos, criticou o tempo presente em que as mulheres usam “calça comprida” e comparou com o passado que quem usava esse tipo de roupa eram as prostitutas, as mulheres da zona do meretrício da cidade chamada de “*Mandchúria*”. O uso de pinturas era com “*decência*” e ressaltou que as primeiras mulheres a cortarem os cabelos na igreja foram as filhas do pastor João Ximenes.

Outra questão interessante corresponde a lembrança de como o pastor Ximenes ensinava sobre o “pentecostismo” e a forma de “batismo” da Igreja Batista. Ressaltava sempre que aqueles que desejavam seguir essas doutrinas a “*porta da igreja*” estava aberta para que modelassem suas vidas com esses caminhos. Ela afirmou que aprendeu na sua igreja a obrigação de ser fiel a sua instituição como “*casa de Deus*”: “*Eu me acostumei na minha igreja que cada um tem a obrigação de cuidar de sua ‘casa’ [mãe], deixar a sua ‘casa’ para ir pra ‘casa’ dos outros, eu aprendi na minha igreja*”. Ressaltou que a autoridade do pastor Ximenes também abrangia o Coral da Igreja uma vez que a programação teria que receber a sua autorização. A obediência a suas ordens era praticada por todos em “silêncio”: “*porque quem manda no Coral é o pastor da igreja*”. A entrevistada B exaltou o poder do pastor Ximenes e dos oficiais da igreja como se fossem divinos principalmente no que se refere ao adestramento das mulheres pelas normas. Ressaltou em tom amoroso a imagem de sua submissão e resignação na modelagem da sua identidade a partir desses poderes masculinos.

Em outro momento da entrevista B lembrou que um homem da igreja com alto poder econômico, desenvolveu uma “paixão cega” por ela. Ele era bonito, casado e com filhos, destacou que necessitava fugir da tentação de experimentar uma relação amorosa fora do casamento que fatalmente resultaria em “escândalo”, assim aproveitou a oportunidade dada pelo poder divino: “*... e eu tive que fugir disso aí pra poder sair dessa situação, um escândalo é muito ‘feio’ no evangelho. Pra não escandalizar o evangelho eu casei com ‘incrédulo’*”.

B lembra de um dia em que ele a convidou para entrar no seu carro e perguntou se não desejava estudar no Seminário Teológico Betel Brasileiro para ser missionária, pois estava disposto a mantê-la com todas as despesas pagas por ele, mas diz que não



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

cedeu a esse convite porque viveria na dependência dele: “... *Subiu assim um ‘negócio’ em mim, eu disse: vou não, para fugir da situação porque eu ficava a mercê dele. ‘Caba’ dava tudo, enxoval de dentro e fora, aí eu chegava não me casaria e ficava a mercê dele, não era não?*”.

Em sua narrativa discursou que o seu casamento com um homem não protestante foi um ato de fuga dessa “tentação” considerada de maior “pecaminosidade”. Todavia argumentou que não se arrependeu porque finalmente teve sua casa e acabou com um sofrimento de viver “*nas cozinhas dos outros*”. Narrou que o esposo era um homem que no início do casamento lhe proibiu de participar das reuniões da igreja, mas ela resistiu porque “*ele me achou dentro da igreja*”. Em que durante o namoro participava da igreja para lhe levar presentes e detalhou uma conversa em que o argumento dele era “*eu queria pegar o ‘peixe’*”; no entanto, a fala dela foi: “*pegou o ‘peixe’, mas o ‘peixe’ não vai sair não*”. Também um homem que a “*crucificava*” através de uma relação amorosa fora do casamento e que ele morou com uma jovem, no entanto, depois de dois meses foi abandonada com dois filhos e voltou a viver com ela.

Interessante atentarmos para a leitura construída pela entrevistada de que sofria o resultado da sua escolha de viver com um homem considerado “incrédulo” que não “tem o que dá” e dizia consigo mesma: “*quando ele judiava comigo, (pensava) estou pagando o meu ‘preço’*”. Na tessitura de um sentido para sua situação de disciplina se fundamentou na fala do presbítero da igreja Sebastião Lima que ela admirava muito, no discurso de que o “crente” mesmo quando disciplinado estava melhor do que os que viviam nas práticas do “mundo”, e repetiu uma fala dele: “*minha filha é o seguinte, o pior ‘crente’ é melhor que o melhor ‘incrédulo’, porque o pior ‘crente’ tem o temor de Deus que o ‘incrédulo’ não tem.*”

A partir dessas narrativas podemos inferir como construiu sua relação amorosa regulada em conformidade com o dever de viver em submissão, obediência, resignação ao noivo e futuro marido. Nessas explicitou suas subjetividades na legitimação de imagens abstratas do “homem-masculino” e “mulher-feminino” como identidade única, a - histórica e essencialista. Ao mesmo tempo visualizamos a masculinidade e a feminilidade em sua diversidade nas inter-relações da historicidade nas tramas do poder, com o rastreamento da sua multiplicidade, mutabilidade e diferenças através de práticas,



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

prescrições, representações e subjetivações. A entrevistada *B* inventou várias imagens do feminino e do masculino através da exaltação dos que foram obedientes à violência simbólica imposta pelas normas na constituição de uma identidade única, com uma relação de dependência as autoridades da igreja e em especial o pastor João Ximenes. Enquanto condenou as práticas desviantes que pisavam nas normas essencialistas e a-históricas na efetivação das relações de gênero em diversidade.²⁰

Por último, *B* em suas narrativas legitimou perfis femininos e masculinos congregacionais idealizados e condenou as práticas consideradas “anormais”. O perfil feminino no período do pastor João Ximenes era cumprir o dever de ser ajudadora do marido; na igreja, o seu espaço de trabalho consistia em ser professora em várias classes e na União Auxiliadora Feminina em que as mais “velhas” ensinavam as mais “novas” com base na Bíblia. Criticou o seu tempo presente em que as mulheres já casam com uma vida de trabalho intensa, com saída de casa pela manhã e chegada somente à noite, fez uma leitura dessa prática como abandono dos filhos que não lhes conhecem e os “jogam” para as “drogas” porque a mãe não cumpriu sua missão de educá-los. Argumentou que por causa do trabalho algumas mulheres maltratam os maridos através da humilhação cotidiana, porque os seus salários são maiores. Nesse sentido, recorreu a um exemplo de uma colega da classe na Escola Bíblica Dominical no qual o marido “*só vive assim, não pode levantar a cabeça mais de tanta humilhação que passa (...)*”.

Para *B* o problema que provocou o crescimento das práticas “anormais” das mulheres no tempo presente foi a “muita liberdade” que lhes concederam os homens e assim não cumprem o seu dever de ser uma boa dona de casa: “*A mulher era pra ser boa dona de casa, não tem isso escrito na Palavra, ser boa dona de casa?*”. Para tanto, representou a si mesma como corpo “santo e “puro” de uma dona de casa que trabalhava no cuidado da casa para que tudo ficasse “limpinho” e em “ordem”, dos seis filhos e do marido. Ao mesmo tempo reforçou o papel masculino ao exemplificar que o marido fora um trabalhador que cumpria o dever de sustentar a casa e a família, mesmo com suas práticas “malvadas”, destacou que ele não lhe permitia outro trabalho além do cuidar da casa. Mas teve que trabalhar quando o marido adoeceu e ficou impossibilitado

²⁰ MATOS, Maria Izilda Santos de. Por uma história das sensibilidades: em foco – a masculinidade. *Revista História: Questões & Debates*. Curitiba, Editora da UFPR, n.34, 2001, pp. 47.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

de ficar sozinho e sustentar a família. Destacou que foi por necessidade e isto não lhe trouxe tristeza: *“Mas quando ele adoeceu, tive que trabalhar, porque fui obrigada, porque o dinheiro que ele ganhava não dava pra os filhos comer (...). Senti tristeza não, porque tava sabendo que ali foi necessidade”*.

Tais memórias nos remetem às tradições protestantes, na busca de um ideal de mulher e família, pautado pela religião e teologia cristã patriarcal, com a representação da mulher como esposa, mãe e dona de casa. Cabia à mulher a funcionalidade de lutar para manter o casamento estável, o lar tranquilo e harmonioso, além de zelar pela educação dos filhos, para torná-los piedosos, honestos e trabalhadores. Sendo o protestantismo um código normatizador para homens e mulheres, cabe, todavia, a elas a reprodução e perpetuação dos gestos, dos códigos e atitudes de submissão à opressão religiosa. A mulher realiza o seu papel legitimando a missão sagrada de ser esposa, mãe e dona de casa, como uma questão transcendente através da divinização e naturalização de certas atitudes, certos gestos e jeitos de ser mulher. Esse processo vem desde a infância: ela é educada à missão do amor, da doação, de estar sempre pronta para sacrificar-se pelo bem, pela tranquilidade, pela harmonia e pureza do lar.²¹

Para entrevista B, a identidade ideal da mulher congregacional era de ser exemplo de fidelidade a Deus, diferente do “mundo”, sábia na construção de um lar feliz e firmeza nas normas da “Palavra de Deus”. Mais uma vez criticou o tempo presente de que não consegue enxergar mais a diferença entre “as mulheres do mundo” e as da “igreja”. Analisou que o problema estava no momento da conversão que não promovia mais as mudanças necessárias em relação às práticas “mundanas”. Destacou que um dos aspectos que demonstrava esse problema consistia nas mulheres que não se vestem mais “decentemente”, mesmo durante as reuniões da igreja, que representam o “santuário de Deus” conforme norma da Bíblia.

Lembrou-se do pastor Raul de Souza Costa, substituto do pastor João Ximenes na direção da igreja, de que eles não permitiam as mulheres o uso de calça comprida. Ao evocar uma fala do pastor Raul lembrou que para ele a mulher era considerada

²¹ GIERUS, Renate. **“Além das grandes águas”**: mulheres alemãs imigrantes que vêm ao sul do Brasil a partir de 1850. Uma proposta teórico-metodológica de historiografia feminista a partir de jornais e cartas. Tese de Doutorado. São Leopoldo, RS: EST/IEPT, 2006, pp. 50-52, 60.



“símbolo sexual” e quando usava esses tipos de roupa provocava nos homens o desejo de mostrar os membros íntimos do corpo. Mais uma vez criou uma imagem de si mesma como uma mulher evangélica que andava bem vestida em todos os lugares (na rua, no ônibus e no consultório médico), em que as pessoas perguntavam se ela era “crente” porque enxergavam nela “diferença”, um “brilho”. Ressaltou que aprendeu tudo isso na Bíblia e construiu sua identidade com “alicerce”.

4. “Era o amor, abnegação e separação do mundo”

A partir das lembranças da entrevistada C²², aqui discutimos como ela construiu discursos de si e sobre os outros, suas representações diversas das práticas femininas e masculinas foram evocadas como nas entrevistadas anteriores numa relação diversa entre o tempo passado e o tempo presente nas malhas de uma memória social. Mas não podemos desprezar a singularidade das suas lembranças na manifestação das emoções e subjetividades.

Sobre sua conversão ao protestantismo congregacional evocou a infância, a educação da sua mãe, o pai, o padrasto e o batismo na igreja. Narrou que viveu a infância no contexto do catolicismo, sua mãe era muito católica e fazia a maior novena durante a Festa de São João da cidade, com um altar que “alcançava” toda a rua onde moravam, com tantos santos e velas. Os pais eram proprietários da segunda barbearia da cidade e o pai morreu quando tinha nove meses de idade, mas a mãe por ser uma mulher com caráter “firme” e de “fibra” administrou a barbearia durante onze anos com a ajuda do filho mais velho. Depois de onze anos viúva casou-se também com um viúvo e barbeiro representado como protestante “desviado” da fé, mas que não participava das coisas “mundanas”, com o temor de Deus, e não revelou no dia do casamento sua fé. Lembrou que o padrasto fez um convite para sua mãe lhe acompanhar em determinado lugar considerado “bom”.

Falou que a mãe aceitou o convite para participar de um culto na igreja congregacional, ressaltou o quanto ela voltou admirada porque os crentes eram “unidos”, amavam uns aos outros, comparou com sua igreja que era a Catedral e a

²² Entrevistada C, concedida em Campina Grande – PB, 30 de setembro de 2009, Arquivo Particular de Cleófas Júnior. Aos seus 83 anos de idade.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

inexistência disso. A entrevistada C discursou sobre o seu desejo constante de chorar porque atualmente as reuniões na igreja não são marcadas pela confraternização, pelo companheirismo, pela dedicação e pelo amor como no passado. Narrou que a mãe continuou participando das reuniões na igreja congregacional e levou sua irmã mais velha como companhia, o resultado foi a conversão e o batismo. Depois ela e os irmãos tinham o dever de acompanhar a mãe nas reuniões da igreja mesmo não gostando no início, destacou que a educação na família era marcada por uma maior união entre os seus membros: “*o regime do passado não é o regime do presente para muitos lares, né?*” Lembrou como ela e as irmãs foram educadas na nova fé, também a confiança da mãe nelas e a pouca liberdade que tinham de caminhar pelas ruas da cidade. Falou das diversões saudáveis na cidade para as famílias como: os convites que sua mãe recebia de famílias importantes para participar das festas dos clubes, por exemplo, o “Éden Clube”; as “*matinês*” aos domingos, os cinemas lembrou dois, o “*Cinema Apolo*”, localizado na Rua Maciel Pinheiro voltado às famílias importantes e outro direcionado para as famílias populares, mas que não recordou o nome. A imagem da mãe como uma mulher “sábia” que não lhes obrigou a participar da igreja, C falou que participava da Escola Bíblica Dominical na igreja com mais prazer e obediência à educação da mãe.

Outra questão importante foi sua narrativa mais positiva dos trabalhos femininos, primeiramente observou a diferença do tempo presente marcado por uma definição estabelecida de “*que toda mulher trabalha*”. Falou da irmã que trabalhou numa “*casa de miudezas*”, que pertencia a um homem da família. Enquanto ela na juventude estudava e trabalhava num “*banco de feira*”, depois numa “*casa de miudezas*”, localizada na Rua João Pessoa, e era responsável pela seção de vendas no atacado. Definiu o ambiente de trabalho como um lugar de “*muito respeito*”, destacou que existiam outros trabalhos para as mulheres, algumas tinham formação superior e exercia funções de responsabilidade como a dela.

Não trabalhamos com a ingenuidade de que nessas narrativas encontramos o passado recomposto em sua literalidade e totalidade, mas que tratamos de memórias seletivas. As memórias herdadas não se restringem ao físico dessas mulheres, também recebem flutuações do momento de sua articulação e expressão, ou seja, as preocupações do momento constituem as memórias. Tais memórias correspondem a um



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

“fenômeno construído” a partir da individualidade com criações tanto conscientes ou inconscientes, através de um trabalho de organização num movimento em que grava, recalca, exclui e relembra.²³

Nas lembranças evocadas sobre as normas congregacionais instituídas pelas autoridades da igreja, também a entrevistada C partilhou com as outras entrevistadas a perspectiva de “exaltação” ao passado e “condenação” do presente. Narrou que as normas na igreja também devem ser efetivadas no tempo presente como eram no passado, baseadas na Bíblia, que segundo ela, não consistiam em “política” e “fanatismo”, mas na necessidade de viver diferente do “mundo”: *“Não podíamos andar como o ‘mundo’, não podemos. Não somos diferentes? Fomos comprados, nós somos luz e o ‘mundo’ é luz? O mundo é trevas.”*

Sobre o presbítero João Canuto ressaltou que era um homem que falava com “calma” e “devagar”, por isso era chamado “a calma da igreja”. Em relação aos disciplinados narrou que na igreja tinha os que “acolhiam” e “desprezavam”, mas a pessoa se afastava das atividades e em geral o sentimento era de tristeza e também de alegria, quando os “transgressores” eram transformados pelo poder divino. Em relação às normas de proibição do “corte do cabelo”, “pinturas com excesso” e roupas “extravagantes” falou que tinham o fim de produzir uma “vida diferente” nas mulheres por obediência à “Palavra de Deus”. Nos dias de hoje não existe “regeneração interior” e concluiu que isso representa a falta de disciplina na igreja. Narrou que experimenta essas transformações como uma “censura interior” e a acusação de muitos de que não aceita por ser “velha”. Lamentou ainda que *“muita coisa a igreja entrou na sociedade ou a sociedade entrou na igreja”*.

A sua leitura do presente como um tempo em que as mulheres vivem uma maior “independência” e “liberdade”, é conjugado ao sentimento de “saudade” e “tristeza” porque o *“mundo entrou muito na igreja”* e as autoridades da igreja não cuidam da disciplina. No passado as pessoas quando iam ser batizadas eram questionadas se realmente estavam preparadas para fazer parte da igreja, se tinham o conhecimento da necessidade de constituir uma “nova vida”, com outros costumes baseados no amor a

²³ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, pp. 203-204.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

Deus e separação do mundo: *“Eu sabia, eu sabia o que ia fazer, eu sabia o que é que eu ia enfrentar: era o amor, era a abnegação, era diferença do mundo, era a separação do mundo.”*

Ressaltou que não podia admitir uma “moça” ser batizada na igreja com um “vestido imoral”, mesmo sendo a “moda” da sociedade, porque para ela a “moda” faz parte do “mundano” e das “trevas”. As mulheres congregacionais necessitam instituir uma identidade marcada pela diferença resultante da sua conversão que a transformaram em servas de Deus: *“A moda não é de Deus, a moda não é para o crente, o crente é diferente, tem que haver diferença... É por que eu estou velha? Não. É o meu ‘porte’ como uma serva do Senhor.”* Fez um contraste entre uma mulher “mundana” e uma mulher “crente”; a primeira vive e ama os “costumes” do mundo, afirmando que existem várias “crentes mundanas”. Enquanto a mulher “crente” tem um “porte diferente”, que comprova sua transformação como filha de Deus e se manifesta na forma em que se veste, ama, no trato com os outros, na conduta e no trabalho. Também na consciência da escritura em si por respeito e na submissão à palavra divina, por fim, falou que no passado esse contraste era enxergado de forma muito rápida.

A partir de Certeau pensamos que nessas narrativas tais mulheres promoveram imagens de deslocamentos e correções, acréscimos e retiradas em seus corpos através *“de um sem-número de leis”*, para que se tornassem corpos higienizados espiritualmente quando conformados às normas e *“escritos, refeitos e cultivados”*. A finalidade era *“fazer os corpos dizerem o código”*, ou seja, uma maquinação para que soletrassem em si a ordem do “divino” e do “puro”. Isso produziu um movimento em que a credibilidade desses discursos estava nas mulheres praticantes, em que a lei avançou nos seus corpos através de um *“fazer crer e praticar”*. Na tessitura desses relatos com a lei sendo historiada, historicizada e narrada nos seus corpos, para que outras fossem convertidas.²⁴

A entrevistada C relatou que no tempo passado as mulheres da igreja viviam em maior obediência e submissão ao marido, porque amavam as normas da Bíblia. Criticou o tempo presente em que várias mulheres transgridem essas normas por causa do

²⁴ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Trad. de Ephraim Ferreira Alves. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, pp. 240-242.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

trabalho profissional, para ela o trabalho não representa uma barreira para o cumprimento do dever da “obediência” e “comunhão”. Vê-se como modelo fiel de obediência das normas desde a juventude, em que tais deveres eram vividos não como algo rígido e obrigatório da igreja, e não por se considerar melhor que os outros, nem por ser velha ou “beata”, mas porque sua identidade estava centrada nas normas, na definição do seu “porte” de vida em todas as coisas do cotidiano.

Pensamos as sensibilidades femininas suscitadas por esses depoimentos, primeiramente como uma forma de apreensão no conhecimento de mundo, uma reação diante da realidade que não brota da racionalidade e de construções mentais mais elaboradas. Como uma forma de ser e estar no mundo, manifestada em sensações e emoções, numa reação quase imediata afetada por fenômenos físicos e psíquicos. Em segundo lugar, as sensibilidades como “*manifestações do pensamento e do espírito*”, em que a reação primária foi organizada, interpretada e traduzida em termos considerados mais “estáveis e contínuos”. Em que as reações se transformaram em “*sentimentos, emoções e estados de alma*”, produziu assim um “*arquivo da memória*” que cada uma carregava.²⁵

É importante registrar também as suas lembranças sobre o seu casamento que durou apenas sete meses, a leitura que ela faz do próprio sofrimento, a traição do marido com mulher prostituta e sua intimidade amorosa com seu marido. Falou que não se arrependeu de ter casado porque não desejava ser “beata”, mas sonhava construir um lar e fez isso por amor. Falou que era “tímida” e não muito “namoradeira”, quando se interessava por um rapaz encontrava logo um “defeito”. Assim, em tom de perplexidade declarou que não sabia como conseguiu casar, interpretou esse casamento como uma permissão divina para lhe fazer o chamado missionário. Muitas vezes se lamentou dos seus sofrimentos por causa do marido, afirmou da impossibilidade de contar essa história com detalhes.

Narrou que o fim do casamento aconteceu de forma rápida levando a alguns duvidarem da sua virgindade pela questão de ter vivido somente sete meses com o marido. Destacou que já no quinto mês ele mantinha relações com uma prostituta

²⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Espacios, palabras, sensibilidades. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. Colóquios, 2008, pp. 2-3.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

chamada “Chica Boa”, do cabaré de Carminha Vilar. Para ela o marido fora “muito malvado” e lhe “maltratava” chegando a lhe proibir de participar das reuniões da igreja. Tentou negociar com o argumento de que continuava protestante, mas não teve solução e expressou o seu sentimento assim: “*É terrível, você ama a Deus, vive pra ele, é dele, mas é ‘presa’.*” Também foi desprezada por ele, evocou a lembrança de uma viagem dele para São Paulo em que trouxe dois vestidos: um cor de rosa com uma renda e desenhos de flores para ela, o outro de cor prateado para amante e expressou que ele lhe maltratava não com violência física, mas com desprezo sexual: “*... ele me maltratou muito, maltratava não era batendo não, era desprezo*”. As aventuras amorosas do marido fora do casamento com “Chica Boa” resultaram em gravidez. Para ela o feminino “mundano”, representado por uma mulher de cabaré que conhecia as “artes do sexo”, tinha o poder de tornar o homem dependente: “*... porque uma mulher, uma prostituta, uma mulher de cabaré, sabe fazer muito bem com um homem, sabe transformá-lo.*”

Falou um pouco mais de como o marido fora “malvado” destacando que ele não suportava viver com ela e durante as relações sexuais ele a considerava insuportável: “*... ele quando tinha relação comigo, ele dizia: ‘eu não gosto mais não, eu não quero mais isso’, ele ficava debochando assim*”. Como uma “boa crente” que era enfrentou isso com atos de resignação e silêncio, porque não desejava o fim do casamento: “*Eu tive muita resignação, não havia discussão, eu acredito que sim (por ser crente) e em segundo lugar, eu queria que ele voltasse, foi muita tristeza em deixá-lo, eu deixei diante das circunstâncias que ele já tinha me deixado.*”

Nessas imagens evocadas surgem personagens diversos que correspondem a uma realidade variada sobre os “femininos” e “masculinos”, daí reconhecemos “*a diferença dentro da diferença*”. Aqui, “mulher” e “homem” não se reduzem a meros aglomerados, nem a generalizações e premissas preestabelecidas. Na verdade nos desfazemos das noções abstratas de “mulher” e “homem” como identidades únicas, a-

www.veredasdahistoria.com



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

históricas e essencialistas. E pensamos esses personagens no sentido de diversidade no contexto da historicidade de suas inter-relações (MATOS, 2006, p.293-294).²⁶

Por último, atentamos as suas narrativas sobre o fim do seu casamento, em que se reinventou nos moldes da sua fé protestante. Para ela o seu marido era um “fraco” e ela era “controlada”, porque um dia ele falou que se o casamento acabasse ela teria que devolver a aliança. A entrevistada C narrou que chegou um tempo de não querer comer por causa dos atos do marido. Sua mãe, que era muito conhecida na cidade, soube pelas conversas do povo o sofrimento da filha e um dia foi lhe buscar na casa do marido, mas rejeitou o chamado da mãe, o marido ficou com raiva e revoltado porque a esposa não ouviu a mãe, lembrou a fala dele sobre os motivos de que lhe tratava daquela forma: *“(Ele) to lhe maltratando, fazendo com você pra matar sua mãe, ela veio lhe buscar’. (Ela) ‘E ele queria que eu fosse embora’. (Ele) Vá embora, sua mãe não veio lhe buscar?, porque você não vai embora.”*

Lembrou com muita emoção que em outro dia ele tentou tirar-lhe a aliança e ela rejeitou, mas continuaram as tentativas. Justificou esta atitude com a lembrança de que aquela aliança pertencia à mulher do primeiro casamento dele, ele era viúvo e não teve coragem de comprar outra, argumentou que seria mais honroso se a tivesse dado para a filha. Finalmente, a mando dele, as empregadas a trancaram no quarto para lhe tirar a aliança, narrou da sua tristeza quando decidiu sair de casa sem a *“aliança do seu matrimônio”*.

Na sua saída de casa, na Rua João Suassuna no centro da cidade, um adolescente que morava vizinho lhe pediu para que não fosse porque seria muito “pior”. Mas continuou sua caminhada pela Rua João Pessoa às doze e trinta da tarde pelas ruas que formavam o centro comercial da cidade e as lojas estavam fechadas como de costume do período. Falou que estava desesperada, caminhava com a mão na cabeça e chorando muito alto, os comentários no outro dia eram para saber quem era a moça que andou chorando pelas ruas, mas ninguém descobriu. Daí, ao invés de ir para casa da mãe que morava na rua central da cidade, Peregrino de Carvalho, resolveu se hospedar na casa da

²⁶ MATOS, Maria Izilda Santos de.. História das Mulheres e Gênero: usos e perspectivas. In: MELO, Hildete Pereira de; PISCITELLI, Adriana et. al. **Olhares feministas**. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2006, p.293-294.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

irmã em outra rua do centro, Vidal de Negreiros, e não morou mais com a mãe. Após o relato desses fatos concluiu que o casamento aconteceu por um chamado divino, para que dedicasse sua vida à missão da evangelização, mas a dúvida era porque Deus lhe chamou dessa forma: ...“- *Aí, ganhei o mundo, passei seis anos fora, mas não voltei mais pra casa de mãe.*”

Nesse contexto de reinvenção de si enfatizou o quanto as mulheres da igreja congregacional lhe acolheram e fizeram reuniões para decidir o destino dela. Daí, lhe aconselharam a estudar no Seminário Teológico Betel Brasileiro, em João Pessoa, para ser missionária. Quando chegou lá a diretora conhecia sua história e concluiu que não tinha condições de ingressar em regime de internato naquele ano e orientou-lhe para que permanecesse na igreja durante um ano envolvida nas atividades. No Seminário estudou durante três anos e durante o primeiro ano chorou muito porque estava “debilitada”: *“Mas eu no primeiro ano chorava muito, chorava, chorava, chorava. Não era por saudade dele, era o físico, debilitado. Chorava, chorava, chorava, qualquer coisa chorava, mas Deus me deu força”*. Assim, a entrevista C narrou suas memórias de intimidade e que durante muito guardou apenas para si, mas que nesse dia nos concedeu a oportunidade de repensarmos essas histórias de produções das subjetividades femininas e masculinas na cidade de Campina Grande, na particularidade do protestantismo congregacional.

5. Considerações “Finais”

Nesse artigo analisamos como foram construídas historicamente as práticas e representações femininas congregacionais em Campina Grande entre os anos de 1927 a 1960, a partir das memórias dessas três mulheres idosas, com destaque aos usos e apropriações subversivas efetivadas em suas práticas ordinárias na constituição de formas diversas de ser e estar no mundo, que foram alguns dos aspectos aqui discutidos. Não nos limitamos a esse recorte temporal como algo cristalizado numa linearidade dos fatos na história dessas mulheres congregacionais, mas atentamos para as discontinuidades e as temporalidades múltiplas. Também rompemos com a historiografia triunfalista do protestantismo congregacional em suas exaltações das práticas normativas das autoridades e instituições, pois procuramos os sujeitos em suas



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

experiências, suas sensibilidades, suas emoções, seus desejos, suas contradições e suas representações do mundo, através de um descortinar da consciência afetiva e moral da cidade de Campina Grande.

Em tais memórias não nos preocupamos em fazer uma semiologia do visível e das iluminações produzidas pelas autoridades da igreja, mas com um olhar nas sombras e zonas obscuras, na perspectiva das relações de gênero. Em que ressaltamos o caráter social e cultural das diferenças baseadas no sexo, afastando-nos da naturalização, ainda que estejamos atentos à hierarquia nas relações entre mulheres e homens congregacionais, que foram tecidas em relações de poder. Em seus significados subjetivos e coletivos, em que essas mulheres e homens teceram suas identidades através de relações contraditórias.²⁷

Bibliografia:

- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Trad. de Ephraim Ferreira Alves. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CHARTIER, Roger. Diferença entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). **Cadernos Pagu**. Campinas, n.4, 1995.
- DEIFELT, Wanda. Por um ensino inclusivo da história da Igreja: uma contribuição feminista. In: DREHER, Martin N (org.). **História da igreja em debate** - um simpósio. São Paulo, SP: ASTE, 1994.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral** – memória, tempo, identidades. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral** – memória, tempo, identidades. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006.
- GIERUS, Renate. **“Além das grandes águas”**: mulheres alemãs imigrantes que vêm ao sul do Brasil a partir de 1850. Uma proposta teórico-metodológica de historiografia feminista a partir de jornais e cartas. Tese de Doutorado. São Leopoldo, RS: EST/IEPT, 2006.
- GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2004.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. Por uma história das sensibilidades: em foco – a masculinidade. **Revista História: Questões & Debates**. Curitiba, Editora da UFPR, n.34, 2001.
- MATOS, Maria Izilda Santos de.. História das Mulheres e Gênero: usos e perspectivas. In: MELO, Hildete Pereira de; PISCITELLI, Adriana et. al. **Olhares feministas**. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2006.

²⁷ PEDRO, Joana Maria; SOIHET, Rachel. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 27, nº 54, 2007, pp.288, 290.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

- PEDRO, Joana Maria; SOIHET, Rachel. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 27, nº 54, 2007.
- PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2006.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Espacios, palabras, sensibilidades. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. Colóquios, 2008
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Espacios, palabras, sensibilidades. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. Colóquios, 2008.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do passado. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. Debates, 2006.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do passado. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. Debates, 2006.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- WIRTH, Lauri Emílio. O lugar da história da igreja no ensino da teologia. In: DREHER, Martin N (org.). **História da igreja em debate - um simpósio**. São Paulo: ASTE, 1994.

www.veredasdahistoria.com